

Para Volcker, estabilizar câmbio é difícil

Ex-presidente do Fed afirma que estabilidade depende de ajuste fiscal e disciplina monetária

Ricardo Lessa
do Rio

“Não que seja inútil acreditar na estabilidade do câmbio, mas vai ser necessário um grande esforço para atingi-la.” Essa é a impressão de Paul Volcker, ex-presidente do Federal Reserve (Fed), o banco central americano. Ele acha que o Brasil pode conseguir, mas só se insistir no ajuste fiscal, numa rígida disciplina monetária e nas políticas de flexibilização e abertura da economia.

A análise foi feita após o seminário “Cenários da Economia Brasileira em 1999”, promovido pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, com a presença do ministro do Desenvolvimento, Celso Lafer, do presidente do BNDES, José Pio Borges, do ex-ministro Marcílio Marques Moreira, do ex-presidente do Banco Central Carlos Langoni e do diretor responsável da Gazeta Mercantil, Luiz Fernando Levy.

Volcker lembrou que mesmo nas relações das duas maiores economias do mundo, EUA e Japão, jamais se chegou à estabilidade cambial e que a volatilidade é um fenômeno conhecido na história mundial.

“Hoje, com o avanço da tecnologia, quando trilhões de dólares podem mudar de país a um simples toque no computador ou telefonema, a volatilidade foi acelerada. Isso é um fato que não podemos mudar. Não creio no sucesso de políticas que er-

guem muralhas para se defender da globalização.”

Volcker considera, entretanto, que alguns países tiveram algum sucesso ao adotar políticas para restringir o acesso do capital especulativo. “Não se deve descartar esta possibilidade. Na minha opinião, esta é uma questão puramente tática.”

Ele acha inevitável, no entanto, que o mundo caminhe no futuro para três ou quatro moedas regionais fortes. “A discussão de dolarização não ocorre apenas na Argentina, também no México e mesmo em Hong Kong. Essa discussão deve aumentar e ficar ainda muito tempo entre nós”, prevê.

Para o ex-presidente do Fed, o Brasil, “pelo tamanho de sua economia, pelo potencial e diversificação do parque industrial, pode aspirar a controlar melhor seu destino”, mas atualmente se encontra numa armadilha potencial: “para defender as reservas e liberar o câmbio, precisa aumentar os juros, mas isso não pode durar muito, porque ameaça a economia. Mas se reduzir os juros, pode perder reservas.”

O ex-presidente do Banco Central e presidente do Centro de Economia



Paul Volcker

Mundial da FGV, Carlos Langoni, pregou uma ação “orquestrada interna e externamente” para ampliar as linhas de crédito de curto prazo ao sistema bancário, para afrouxar a atual escassez cambial que vem provocando a alta do dólar.

Langoni discorda de Volcker, quanto à vinculação das moedas ao dólar. “Não vejo possibilidade de êxito nessa iniciativa”, disse. Ele acha que com o “reajuste” fiscal e a manutenção da política monetária, o Brasil terá um primeiro trimestre difícil, mas poderá retomar o crescimento, dependendo da queda dos juros reais.

O presidente do BNDES, Pio Borges, vê oportunidades com a nova política cambial, especialmente para as exportações e, também, “no interesse crescente por substituição de componentes importados na cadeia produtiva. Não estou falando em substituição de importações como no passado”, ressaltou.

Paul Volcker considerou otimistas as exposições sobre o retomada do desenvolvimento nas economias que passaram por crises recentes, como México, Tailândia e Coréia.

“Na melhor hipótese, eles estão conseguindo chegar onde estavam há três anos”, afirmou. Ele acha que alguns economistas “subestimam” as dificuldades que virão com o câmbio livre: “Essa é uma tese acadêmica, que tem pouca comprovação na realidade.”

Embora ressalte que a manutenção de um desenvolvimento sem inflação nos EUA favoreça o ajuste da economia brasileira, ele não prevê uma vida longa para o fenômeno, que já dura mais de sete anos. “Cada vez mais a economia americana se baseia no consumo. Os níveis de poupança nunca foram tão baixos e há sinais de formação de uma bolha financeira com a supervalorização das ações em Nova York”.

O ministro do Desenvolvimento, Celso Lafer, concentrou sua palestra na disparidade cada vez maior entre a economia e política, a primeiro sendo acelerada pelos avanços tecnológicos, tornando cada vez mais difícil, para a política, acompanhar os fatos econômicos e financeiros.

O diretor-responsável da Gazeta Mercantil, Luiz Fernando Levy, questionou o ministro sobre a necessidade de uma maior participação da livre iniciativa na elaboração e nas decisões da política econômica do País. Lafer respondeu que uma das missões que recebeu do presidente Fernando Henrique Cardoso foi justamente ampliar o diálogo com os empresários e outros setores produtivos da sociedade.